

Crime e fome: dueto trágico

JOSÉ SARNEY

Não podemos omitir a responsabilidade nacional sobre o nível de violência que alcançou o país. Tenho participado de vários seminários no exterior e esse tema está na lista das cobranças. Defendo o país, tento explicar e ressaltar a hipocrisia dos censores, também envolvidos na mesma desgraça. Mas, no fundo, não me conformo que um país de tradição pacifista, aberto ao diálogo, terra da convivência, de uma louvável democracia racial, de um sentimento religioso profundo, apresente a visão constante dos cadáveres das crianças assassinadas, das "desovas", dos esquadrões da morte e, sobretudo, de uma legislação permissiva, senão conivente com o homicídio.

Durante a votação da Constituinte denunciei esse fato. Sou contra a pena de morte, mas choca profundamente ver um assassino defender-se solto. É uma agressão à sociedade e é um estímulo ao crime, à impunidade, sem falar nas conseqüências indiretas, que levam à argumentação de que se o maior crime, que é acabar com a vida, não é punido, como desejar que tenha eficiência a repressão à corrupção, ao roubo, às perversões, ao narcotráfico, aos crimes contra o patrimônio e a honra?

Cria-se um clima de convivência com a violência, de tolerância, de desencanto, que leva à decadência dos padrões morais, à podridão. Os jovens, sobretudo, libertos desses valores, caem facilmente no niilismo, no alcoolismo, nas drogas, numa corrida inglória em busca da sublimação dos prazeres. Juntem-se a isso os baixos indicadores sociais, condições subumanas de vida, doenças etc. que nos colocam ao nível dos menores países asiáticos, somados às dificul-



dades conjunturais de desemprego, baixos salários, recessão e revolta.

Esse é o caldo da violência que permeia o país e encontra espaço favorável principalmente na periferia das grandes cidades e no campo.

Os que estudaram o fenômeno da violência consideram-na predominante na estrutura da natureza. Se a

vida é uma luta, ela não pode existir sem a força. Foram expoentes desse conceito Sorel, Nietzsche, Pareto e Franz Fanon.

Tivemos no Brasil, ao longo da história, vários tipos de violência. A violência política, aquela exercida pelo Estado totalitário, intimidativa, cruel, institucional, cuja expressão mais repulsiva é a tortura; e seu

oposto, o terrorismo, o seqüestro político, a guerrilha, o atentado, a coação de grupos de pressão, como o "patrulhamento" e a intimidação. Formas de violência física e moral.

A democracia permitiu que voltasse o estado de direito, da lei e não dos homens, em que os naturais conflitos políticos encontram instrumen-

tos, meios e espaços criados pela liberdade, para serem harmonizados sem o uso da força.

Graças a Deus, não tivemos a violência bélica da guerra, a arte de matar e destruir, cujo aperfeiçoamento maior teve sua face com a bomba atômica. Claude Dumas catalogou mesmo o desenvolvimento dessa arte em etapas. A última ele chama "a

era do TNT", de 1346 (a batalha de Crecy) até 1945 (Nagasaki e Hiroxima), passando pelas idades da bravura, da cavalaria, da pólvora, do átomo.

Mas estamos tendo a terrível violência da frustração e da marginalidade, a do conceito do vale-tudo. Sei que é difícil lutar contra esse estado de espírito. Seria o último a jogar pedras. Mas isso não impede de protestar, de manifestar revolta. Sou um pacifista, abomino a violência, pratico a arte da paciência e do entendimento. Considero que a síntese do cristianismo está na proposta de paz interior, um não a todas as formas de violência: do homem contra Deus e o próprio homem, através do conceito de pecado e do mal.

Unamuno, o notável escritor, estava na Universidade de Salamanca logo que começou a Guerra Civil. O general Millán, falangista, enfrentou-o com o grito: "Viva a morte!" O mestre retrucou: "Aqui é o templo da inteligência, sou o sumo-sacerdote, falta-lhe razão e direito para afirmar esse paradoxo! Pensei na Espanha." Era um "Viva à vida", um não à violência. Pensemos no Brasil.

O Rio já foi o símbolo da alegria. O espírito do Rio era mais belo do que sua paisagem. Era uma síntese do país, da amizade mais aberta entre as pessoas, a cidade antiviolença, cidade de todos, em que a natureza se identificava, em sua beleza, com o modo de vida das pessoas.

Como é triste querer colocá-la como um exemplo do que ocorre no Brasil, dos bandos matando crianças, dos cadáveres da Baía, da insegurança. Dos assaltos e dos arrombamentos dos supermercados quebrados pelos desesperados da miséria. E um alerta dessa aliança desesperada do crime e da fome, juntos, em dueto trágico, a merecer uma reflexão mais profunda de todos nós.

José Sarney é senador pelo Amapá.